

SKYE MCKENNA

**A BRUXA ^{do}
BOSQUE**

**A BRUXA
do
BOSQUE**



SKYE MCKENNA

**A BRUXA
do
BOSQUE**

TRADUÇÃO

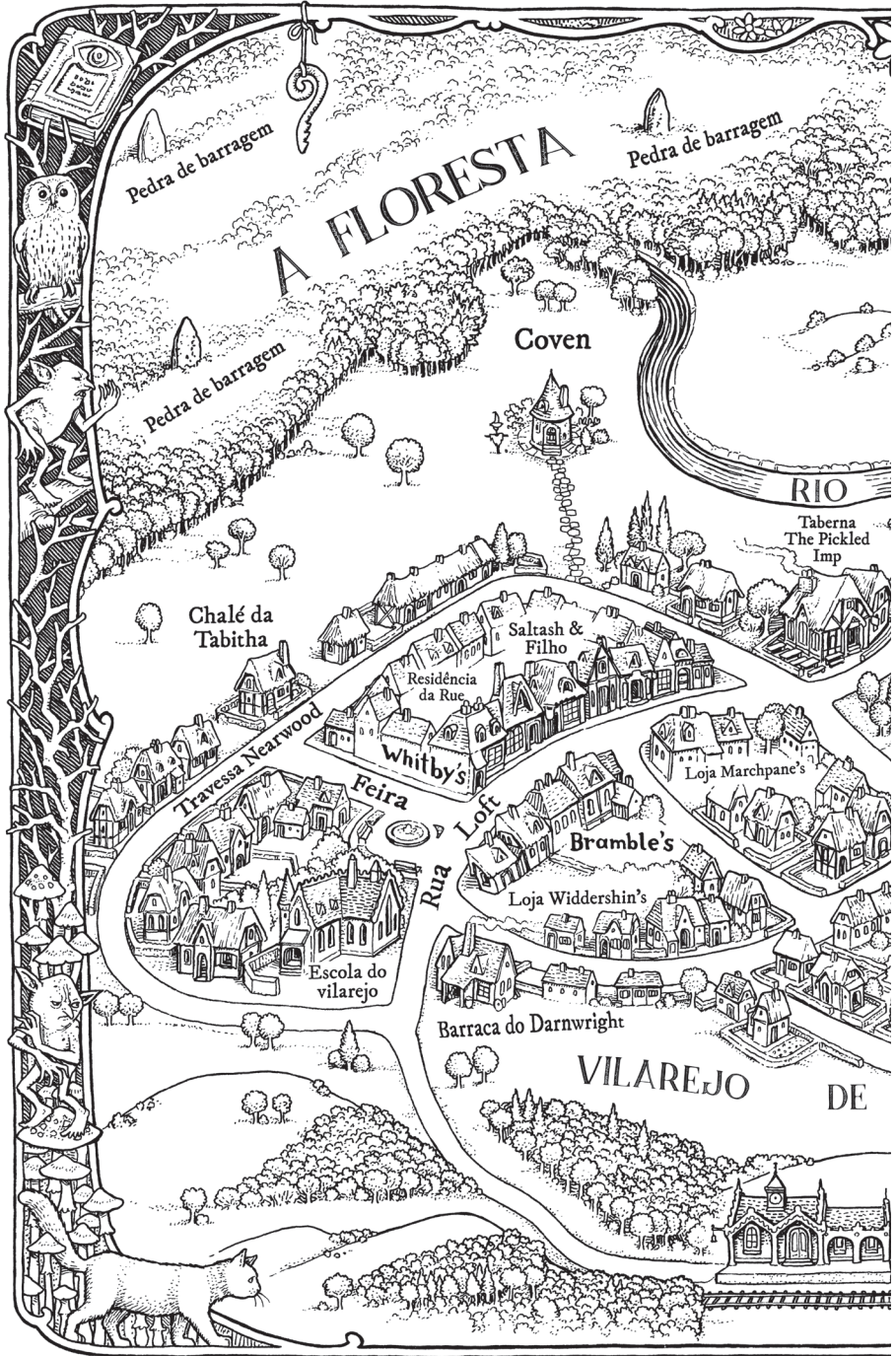
Sandra Martha Dolinsky

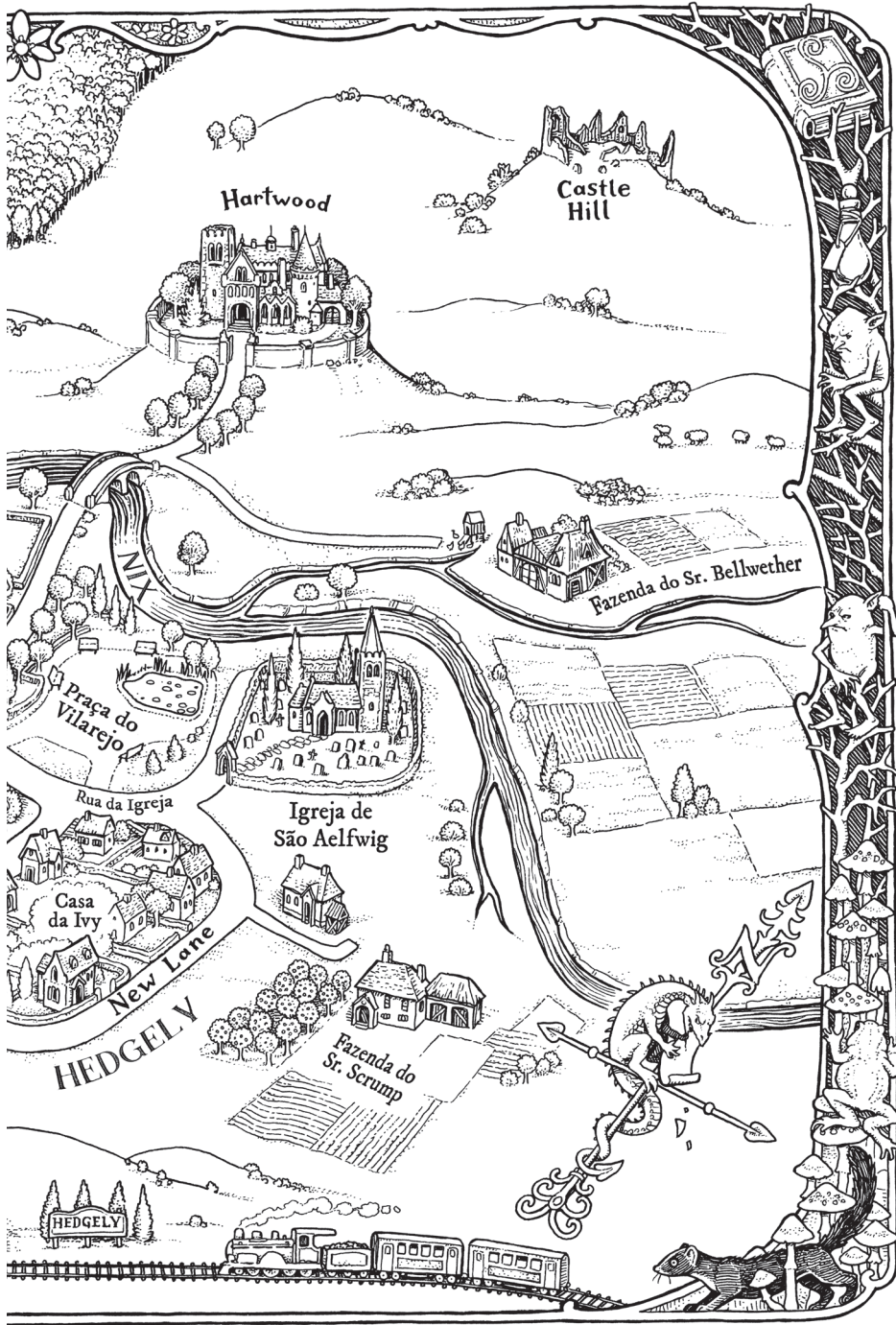
Ilustrado por Tomislav Tomic





*A meu pai, que me
ensinou a encontrar meu
caminho na floresta.*





Hartwood

Castle Hill

Fazenda do Sr. Bellwether

Praca do Vilarejo

Rua da Igreja

Igreja de São Aelfwig

Casa da Ivy

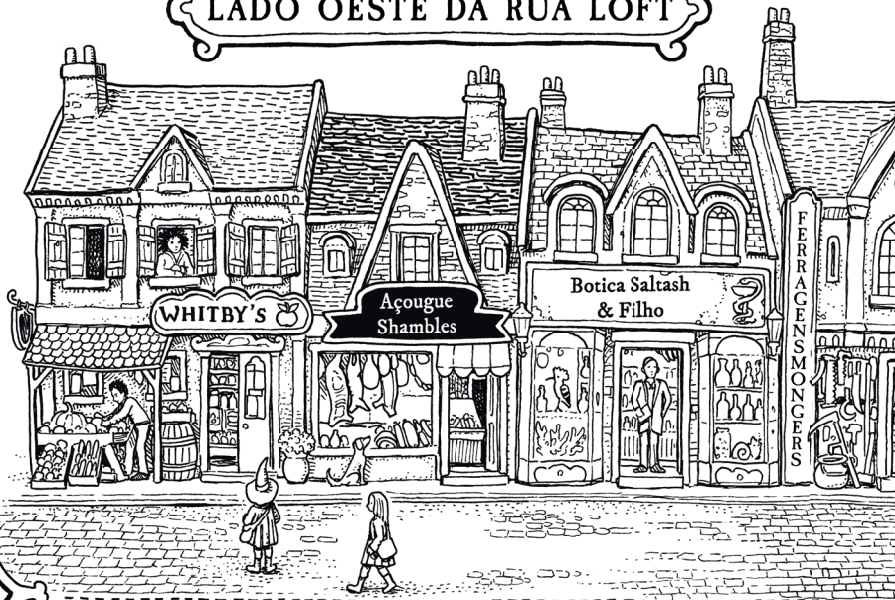
New Lone

HEDGELY

Fazenda do Sr. Scrump

HEDGELY

LADO OESTE DA RUA LOFT



LADO LESTE DA RUA LOFT





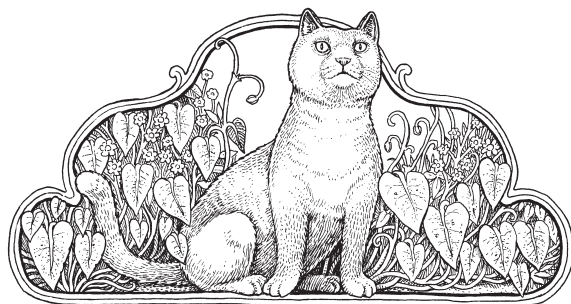




Três são os Vigilantes dentro da floresta.
As árvores têm ouvidos, por isso é melhor você ser bom.
Um é perverso, o outro é selvagem,
E o outro tem dentes grandes para comer a criança mais lenta!

Brincadeira feita no pátio na escola de Hedgely





Capítulo 1

A bruxa novata

Cassandra Morgan estava preparando poções no galpão de jardinagem. Debruçada sobre o caldeirão, que fervia devagar, ela mediu três gramas de hortelã em pó, uma pitada de alecrim seco e treze gotas de tintura de gengibre. Estava ali havia horas – tanto tempo, na verdade, que Montéquio até tinha desistido de perseguir os bichos-da-seda e estava tirando uma soneca entre as mudas de repolho. De vez em quando, o gato abria um olho dourado para ver o progresso dela e fazia comentários úteis, como “você contou errado, são quatorze grãos de pimenta” ou “eu ralaria mais fina a casca de limão, se fosse você”.

Cassie estava trabalhando no galpão de jardinagem porque havia sido proibida pela sra. Briggs, a governanta, de usar seu caldeirão de acampamento dentro de casa depois de sem querer ter posto fogo no tapete verde musgo de seu quarto. Ficou só um pouquinho chamuscado, mas, como a sra. Briggs tinha explicado, havia muita madeira em Hartwood Hall e muitos móveis antigos. Cassie havia se queixado de que não poderia trabalhar ao ar livre, porque estava tentando fazer um elixir revigorante que exigia um controle constante de temperatura, e o vento esteve forte a semana toda.

Brogan, o jardineiro, teve pena dela e a deixou usar o galpão. Assim, lá estava ela, no meio de torres de vasos de barro e gerânios cor de salmão,

alimentando com cuidado, com grama, o fogo sob seu pequeno caldeirão de cobre.

— Deveria estar ficando com um tom de damasco forte — disse Cassie, olhando seu *Manual da Bruxa* mais uma vez.

— Ficaria, se você lhe desse tempo suficiente e *continuasse mexendo* — disse o gato cinza.

Montéquio era o familiar de Cassie; ele sabia fazer um pouco de magia sozinho, mas estava lá especialmente para dar conselhos irritantes a cada oportunidade.

— Não tenho *tempo* — disse Cassie, olhando o relógio que havia na parede do galpão. — Preciso ir ao *coven* depois daqui.

Cassie estava decidida a chegar com uma garrafa de elixir perfeitamente preparado e realizar as tarefas necessárias para ganhar seu distintivo branco de preparadora de poções.

— Você tem tempo de sobra. Tem só treze anos, e para dominar o ofício de bruxa são necessários anos de trabalho duro. Humanos não são como gatos — disse Montéquio, alisando os bigodes. — Nós nascemos com agilidade e graça, ao passo que vocês têm que desenvolver suas habilidades por meio da prática constante e persistente. Haverá ainda muito mais distintivos para ganhar e testes pelos quais passar depois deste.

Mas esse era apenas um dos problemas. Na verdade, Cassie tinha três.

O primeiro era que ela havia começado atrasada em comparação com as outras jovens bruxas de seu *coven*. Todas elas haviam sido criadas no vilarejo de Hedgely, ou em famílias de bruxas em outras partes do país, e conheciam o mundo das fadas e seus perigos desde que aprenderam a andar. Cassie, por outro lado, tinha passado metade da vida em um internato em Londres. Seus professores lhe haviam dito que *fadas não existiam*. Mas seus professores estavam errados, e quando se tratava do perigoso e enganoso povo da Terra das Fadas, ela ainda tinha muito o que aprender.

O segundo problema de Cassie era que sua mãe, Rose Morgan, ainda estava desaparecida. Fazia sete anos e meio que Cassie não a via, mas agora, pelo menos, sabia *aonde* sua mãe tinha ido. Cassie havia visto uma carta na qual Rose explicava que pretendia ir à Terra das Fadas para encontrar algo precioso que havia perdido, e que alguém tinha se oferecido para ajudá-la. Cassie não sabia o que a mãe estava procurando, ou quem a havia ajudado a atravessar a fronteira, mas tinha certeza de que Rose pretendia voltar para casa.

O último problema, e mais intransponível, era sua tia. Miranda Morgan era tutora de Cassie, mestra do *coven* e a Bruxa da Floresta; era a guardiã da extensa Floresta, que formava a fronteira entre a Inglaterra e a Terra das Fadas. Ela era a única pessoa que poderia ajudar Cassie a ir atrás de sua mãe na Terra das Fadas, mas Miranda a havia proibido de ir – isto é, até que a menina conseguisse sua licença e fosse uma bruxa totalmente qualificada.

Portanto, Cassie precisava ganhar esse distintivo e todos os outros que estavam entre ela e o teste final. Precisava provar que tinha todas as habilidades necessárias para atravessar a fronteira, sobreviver na Terra das Fadas e voltar em segurança para casa.

— *Cassandra*... — disse Montéquio, baixinho.

Ela tinha que aprender, e rápido, se quisesse provar seu valor para a tia. Não tinha tempo para ficar voando de vassoura com as outras meninas ou brincando de jogos bobos como cabra-cega. Ela havia lido o *Manual da Bruxa* de fio a pavio e estava determinada a dominar cada runa, cada feitiço, cada poção contida nele.

— CASSANDRA! — sibilou Montéquio.

— Que foi? — perguntou Cassie, voltando de seus pensamentos ao galpão de jardinagem, aos gerânios e às chamas alaranjadas que lambiam as laterais do caldeirão. — Ai, não... não, não, NÃO! — gritou, soprando o fogo.

Mas isso só fez as chamas subirem mais. O líquido marrom-arroxado estava borbulhando e subindo pela borda do caldeirão; e ao se derramar, sibilando, atingia as chamas e provocava nuvens de vapor com cheiro de alecrim.

— O regador, depressa! — disse o gato.

Cassie pegou o regador e esvaziou seu conteúdo sobre a bancada, apagando as chamas e inundando tudo. Os gerânios haviam sido molhados com o elixir diluído e, um a um, levantaram suas pétalas rosadas e começaram a cantar. A melodia sem palavras do coro de flores encheu o galpão de jardinagem, e as flores balançavam a cabeça diante dessa estranha melodia.

Cassie se largou em seu banquinho e suspirou. Em um momento de descuido, tinha perdido horas de trabalho meticuloso; e a poção não foi a única coisa que ela estragou. O *Manual da Bruxa* estava encharcado, e suas páginas, tingidas de cor de berinjela.

— É melhor você limpar isso antes que Brogan veja — disse Montéquio batendo a pata ao ritmo da melodia dos gerânios, que estava bastante

desafinada. — Ou você vai acabar tendo que preparar poções lá fora durante todo o inverno.



Assim que Cassie acabou de limpar o galpão de jardinagem, correu escada acima para colocar seu chapéu pontudo e a capa de bruxa e voltou para a cozinha para pendurar seu manual ensopado perto do fogo para secar. Já estava atrasada.

— Ei, devagar aí! — disse a sra. Briggs, deixando o pão que estava amassando e se voltando para tirar uma bandeja do forno. — Fiz pãezinhos de avelã, você pode levar alguns ao salão do *coven* para o chá da tarde. Nossa, o que aconteceu com isto aqui? — disse, pegando o manual de Cassie pela capa para inspecionar o conteúdo encharcado.

— Houve um pequeno acidente no galpão de jardinagem.

— Outro? — disse a sra. Briggs. — Bem, vai secar, mas você não pode ficar sem manual. Espere aqui um instante.

— Mas vou me atrasar! — gritou Cassie, enquanto a governanta desaparecia pela copa e subia a escada dos fundos.

A sra. Briggs voltou um instante depois com um livrinho preto e o entregou a Cassie. Era um exemplar do *Manual da Bruxa*, igual ao dela, com o tríscele prateado e rodopiante na capa, só que mais antigo, e suas páginas estavam amareladas e tinham orelhas.

— Era de sua mãe; eu o encontrei da última vez que estive no sótão e o guardei, por via das dúvidas. Agora, endireite esse chapéu, e não esqueça os pãezinhos!



A vassoura de Cassie, que se chamava Galope, curtiu muito o voo alucinante descendo a colina de Hartwood, sobrevoando o rio Nix e atravessando o vilarejo de Hedgely até chegar ao salão do *coven*. Açoitada pelo vento, Cassie mal conseguia controlar a ansiedade de Galope, mas ficou grata pela velocidade quando ela e Montéquio desceram, derrapando até parar em frente ao salão. Ela costumava ir ao *coven* direto da escola às tardes de sexta-feira,

mas esse era o último dia das férias de verão e a primeira reunião do *coven* desde julho.

O salão do *coven* era uma construção baixa e redonda, de pedra amarela, situada nos arredores do vilarejo, entre a última fileira de casas e a sombra iminente da Floresta. Tinha um telhado pontudo de ardósia, como um chapéu de bruxa, e era cercado por um jardim de ervas floridas. Naquela estação havia papoulas, poejos e lythrum roxos, mas Cassie não tinha tempo para parar e admirá-los. Já ouvia o canto provindo de dentro do salão.

O céu está claro enquanto voamos,

Sob as estrelas deslumbrantes.

Sabemos seus nomes e histórias.

A sabedoria delas é nossa.

Uma dúzia de vozes se erguiam em uníssono na canção do *coven*; a reunião já havia começado. Deixando a vassoura fora, sob o sol de setembro, Cassie subiu os degraus de pedra e empurrou devagar a porta entreaberta.



Capítulo 2

A floresta sussurrante

*O caldeirão ferve e borbulha,
Uma bebida doce e curativa.
Colhemos ervas e flores
Para que nossas poções se tornem reais.*

Doze meninas formavam um círculo ao redor da lareira central, mais uma mulher alta, vestida de preto da cabeça aos pés — a tia de Cassandra, a Bruxa da Floresta. Do outro lado do círculo, uma menina com cachos escuros e sardas avistou Cassie e sorriu. Rue Whitby era a líder da patrulha de Cassie e uma de suas duas melhores amigas. Ela não ia delatar Cassie.

*A noite está calma e pacífica,
O cordeiro bale em seu estábulo.
Nós protegemos o vilarejo e as casas
Dos perigos grandes e pequenos.*

As meninas continuavam cantando. Uma voz se erguia com confiança acima das demais. Pertencia a Ivy Harrington, a melhor bruxa do *coven*,

segundo sua própria avaliação, e que pegava no pé de Cassie desde que esta tinha chegado. Ivy era alta, orgulhosa, e seus broches de latão polidos brilhavam, além das fileiras e mais fileiras de distintivos que ostentava em sua capa preta. Ela também viu Cassie chegar, e seu sorriso presunçoso sugeria que mal podia esperar para ver a Bruxa da Floresta repreender a sobrinha pelo atraso.

*Pois somos bruxas, uma e todas,
E não temos medo
De duendes, fantasmas e andarilhos noturnos,
Nossos amuletos e feitiços foram lançados.*

Esgueirando-se o mais silenciosamente que pôde, com Montéquio deslizando como uma sombra ao seu lado, Cassie entrou no círculo entre Rue e Tabitha Blight, a terceira integrante da Patrulha do Carvalho e sua outra melhor amiga. Tabitha deu a Cassie um sorriso com covinhas e abriu espaço para ela, apertando sua mão, enquanto a amiga se juntava aos versos finais da música.

*Pois nós somos bruxas, uma e todas,
Um coven das melhores.
Amigas fiéis que estão unidas
Contra qualquer ameaça ou prova.*

*Pois somos bruxas, uma e todas,
Nós sabemos proteger e curar,
Com corações nobres, leais e bondosos,
E uma coragem firme como o aço.*

O círculo de jovens bruxas ficou em silêncio quando a Bruxa da Floresta se dirigiu a elas:

— Hoje, voltamos ao trabalho depois das longas férias de verão. Se bem que — Miranda falou olhando para Cassie —, parece que há gente que esqueceu a que horas nossas reuniões começam. Espero que todas vocês tenham passado as férias praticando suas poções e amuletos, e quero muito ver o progresso que fizeram no trabalho por seus distintivos individuais. Mas agora começa uma nova estação; o outono é a época mais movimen-

tada do calendário das bruxas, temos a grande celebração do Halloween. Hoje, vamos trabalhar nos distintivos de forrageiras, colhendo nozes e frutas nos arredores da Floresta. Forragear não é apenas recolher ingredientes para fazer poções, mas também uma habilidade de sobrevivência essencial para uma bruxa que se encontre perdida em uma floresta. Recordo a vocês que as bruxas nunca pegam mais do que necessitam e fazem o possível para não deixar rastros de sua passagem; o povo da Terra das Fadas que vive na floresta se ofende com a violência em suas casas e não demora a punir a forrageadora imprudente. Agora, chefes das patrulhas, peguem as cestas, vamos nos reunir lá fora.

— Você deu muita sorte, Cass — disse Rue, entregando a Cassie uma cesta de vime e colocando a sua sobre o ombro. — Achei que ela ia acabar com você! Atrasada logo no primeiro dia? “Isso não condiz com a reputação dos Morgan.”

Cassie suspirou.

— Eu estava tentando terminar o elixir revitalizador, só que estraguei tudo de novo. Nunca vou ganhar meu distintivo de preparadora de poções desse jeito.

Por sorte, Montéquio havia decidido tirar uma soneca no salão, enquanto elas forrageavam, de modo que ele não pôde contar a Rue e Tabitha quão desastrosa havia sido a tentativa de Cassie.

— Você tentou colocar os grãos de pimenta um de cada vez, como eu disse? — perguntou Tabitha. — Posso ajudá-la da próxima vez, se quiser.

Tabitha era com certeza a melhor preparadora de poções do *coven*, e Cassie se sentiu muito tentada a aceitar a oferta.

— Minha tia saberia que você me ajudou; não sei como, mas ela saberia. Tudo bem, um dia vou conseguir, é só continuar tentando e...

Ela parou de falar. Bloqueando seu caminho à floresta estava Ivy Harrington, flanqueada por Susan e Phyllis Drake.

— Lá vem a Patrulha Fajuta — disse Ivy, e as irmãs Drake riram. — Muito sensato, por parte da Bruxa da Floresta, colocar as três piores bruxas do *coven* juntas. Assim, nos poupa o incômodo de ter que treiná-las.

Rue deu um passo à frente.

— Sei que é difícil para você, Ivy, mas tente *pensar* um instante para ver se lembra de quem a resgatou dos duendes no solstício de verão. Vou dar uma pista: foram as três bruxas que estão diante de você usando Estrelas de Prata por bravura!

Ivy deu de ombros.

— Vocês tiveram sorte, só isso. Ser uma verdadeira bruxa é mais que quebrar regras de maneira imprudente, e uma patrulha *de verdade*, como a dos Espinhos, vencerá vocês; três sonhadoras inúteis em tudo que fazem.

— Nós *somos* uma patrulha de verdade! — disse Rue, furiosa.

Tabitha a segurou pelo braço.

— Ah, deixe pra lá, Rue. Ela está provocando a gente, e temos trabalho a fazer. Vamos.

Elas passaram por Ivy, Susan e Phyllis e subiram a colina.

Era uma tarde gloriosa, ensolarada, mas ao redor delas já se viam os primeiros sinais do outono. Castanheiros-da-índia cobriam o solo com suas reluzentes castanhas cor de mogno, e as macieiras silvestres tinham cachos de frutas rosa e amarelas. No prado, todo gramado, que se estendia até a Floresta, não se viam mais sementes, e a vegetação estava começando a passar de roxo para ouro desbotado, ondulando sob a brisa.

A Floresta era a maior e mais antiga floresta da Inglaterra, uma mata fechada, selva, cheia de moitas escuras e emaranhadas, que assustava e fascinava Cassie desde que ela tinha chegado ao vilarejo. Dentro dela, encontrou fogos-fátuos e duendes, e a fada púca, que muda de forma. Mas Cassie sabia que mal havia começado a descobrir os segredos da floresta; quantas coisas antigas e estranhas viviam em suas profundezas sombrias!

Rue e Tabitha viram uma fileira de aveleiras e correram para procurar avelãs, enquanto Cassie vagava à margem da floresta, procurando nas fileiras de árvores mais profundas. Embora sentisse o sol quente em suas costas, um arrepio percorreu sua espinha. Ela sempre sentia isto quando chegava perto da Floresta: uma curiosa mistura de medo e anseio, como se algo dentro da floresta a chamasse, acenasse para que ela entrasse.

Um farfalhar chamou sua atenção para os galhos acima dela. As folhas das bétulas e das cerejeiras silvestres estavam começando a amarelar; quando Cassie olhou para aquela folhagem dourada, viu uma cabecinha com chifres olhando para ela. A cabeça pertencia a um corpo serpentino, do comprimento de um estojo de lápis, coberto de escamas brilhantes que iam do verde-folha no nariz ao vermelho sol na ponta da cauda. Enquanto ela observava, o wyrm abriu seus membros, expondo membranas decoradas que se estendiam como asas. Cassie levou um susto quando o wyrm pulou da árvore e saiu pairando, como uma semente de sicômoro, até atingir o solo da floresta e se esconder sob uma pilha de folhas secas.

— Sonhando acordada de novo, Cassandra? — perguntou Ivy, que estava colhendo amoras das amoreiras espinhosas e as colocando em sua cesta, que já estava meio cheia de rosa-mosqueta e espinheiro branco, nozes de faia, abrunhos e bolotas verdes. — É só um wyrm, estão por toda parte nesta época do ano.

— São lindos! — disse Cassie ao ver outro wyrm, cor de limão clarinho, rastejando.

Ivy fungou.

— Sim, mas estamos aqui para forragear, não para ficar boquiabertas diante da vida selvagem. Estas — disse, segurando um punhado de frutinhas brancas — são frutos de sorveira-brava, os mais raros. Mal posso *esperar* para mostrar à Bruxa da Floresta. O que você encontrou?

Cassie olhou para sua cesta vazia.

Ivy riu.

— Acho que era de se esperar, afinal, você ainda é uma bruxa novata, tem muito a aprender antes de ser uma árvore nova como eu — disse Ivy, batendo no broche em forma de folha que tinha no colarinho.

Fazendo o possível para ignorar Ivy, Cassie examinou os galhos folhosos e os arbustos pontudos à sua frente, decidida a encontrar algo tão impressionante quanto os frutos da sorveira-brava.

Uma brisa agitou as folhas e os cabelos ruivos de Cassie, carregando consigo o cheiro de mofô úmido. À frente, um raio de sol chamou sua atenção para uma árvore solitária. Era uma coisinha pequena e retorcida, baixinha e atrofiada sob os carvalhos e freixos mais altos, com galhos finos cinza sob as folhas amareladas. Não conseguiu ver nenhum fruto, mas talvez valesse a pena olhar mais de perto. Afastando o cabelo do rosto, Cassie deu a volta na árvore, espiando entre a folhagem, até finalmente vislumbrar um cacho de nozes prateadas minúsculas, três delas cresciam no mesmo galho fino. Ia pegá-las, mas uma mão as pegou, quebrando o galho onde estavam penduradas com um estalo.

— Eu vi primeiro — disse Ivy.

— Não viu nada, você me seguiu! — protestou Cassie.

— Você nem sabe o que são esses frutos — disse Ivy. — *Estes* são *seernuts* prateados; tem ideia de como são raros? Eles preveem a sorte, é só abrir e... ai!

— Que foi?

— Algo me picou...

Mas a queixa de Ivy foi interrompida por um farfalhar logo acima delas. As duas ergueram os olhos; o galho quebrado se mexia, balançando para a frente e para trás, como se estivesse se contorcendo de dor. Os outros galhos também começaram a se mexer, sussurrando e balançando juntos.

— É só o vento — disse Ivy.

Mas Cassie não estava sentindo brisa nenhuma no rosto.

A perturbação passou de árvore em árvore, até que toda a floresta foi tomada pelo sussurro das folhas suspirantes. Sob esse som, elas ouviram algo mais: um murmúrio de palavras estranhas, como uma multidão de pessoas sussurrando em uma língua desconhecida.

— De onde está vindo isso? Não estou vendo ninguém — disse Ivy. — Se for a Patrulha das Cinzas pregando uma peça na gente, eu vou...

Cassie notou que haviam se afastado muito do resto do *coven*. Havia adentrado a Floresta e não viam mais as outras. E aquilo não eram vozes humanas, disse ela tinha certeza. De repente, Cassie se lembrou da canção dos gerânios.

— Acho... — Hesitou. — Acho que vem das árvores.

As vozes das árvores foram ficando mais altas, pontuando o suave farfalhar das folhas com rangidos e o estalo dos galhos se debatendo.

Ivy arregalou os olhos.

— O que estão dizendo?

— Não sei — disse Cassie.

Mas, apurando o ouvido, achou que havia distinguido apenas uma palavra, repetida várias vezes: “Fi-lha”, diziam. *Filha*.

— Tome, pode ficar com eles — disse Ivy, jogando os frutos aos pés de Cassie. — Vou voltar.

Enquanto Ivy atravessava os arbustos em direção ao sol e ao resto do *coven*, as vozes sussurrantes foram se calando e Cassie se agachou para olhar os frutos. Um estava rachado, e uma minúscula aranha dourada saiu dele, rastejou e desapareceu na serrapilheira.

Depois de olhar uma última vez para a copa das árvores já silenciosa, Cassie foi procurar Rue e Tabitha.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Leia também:



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2023